

XVII Congresso Brasileiro de Sociologia

20 a 23 de Julho de 2015, Porto Alegre (RS)

Grupo de Trabalho: Gerações e Contemporaneidade (GT 13)

**Sucessão geracional na política: um estudo sobre os diretores do
Sindicato dos Metalúrgicos do ABC entre 1972 e 2002.**

Autora: Kimi Tomizaki (kimi@usp.br)

Instituição: USP – Universidade de São Paulo

Resumo

Nessa comunicação pretende-se discutir os processos de transmissão intergeracional de um conjunto de práticas políticas próprias ao sindicalismo do ABC Paulista e seus efeitos sobre a formação de 3 “gerações” de lideranças do Sindicato dos Metalúrgicos dessa região (SMABC), entre 1972 e 2002. Os dados que serão apresentados foram coletados no âmbito de um projeto de pesquisa, financiado pela FAPESP, cujos objetivos centrais foram (i) constituir uma biografia coletiva do grupo em questão, (ii) compreender as transformações das práticas político-sindicais ao longo dessas três décadas, bem como a formação dos 3 unidades de geração que marcaram cada uma dessas fases do movimento sindical na região, exigindo diferentes perfis, conhecimentos e habilidades dos sindicalistas. Sumariamente, poderíamos dizer que, os sindicalistas dos anos 1970 vivenciaram uma intensa alteração na perspectiva do trabalho sindical no ABC, buscando estreitar sua relação com base representada e tomando consciência do protagonismo que a classe operária poderia exercer na transformação da sociedade; os sindicalistas dos anos 1980 consolidaram as práticas do chamado “novo sindicalismo” e ampliaram o escopo de atuação política do sindicato por meio do PT e da CUT; e os sindicalistas dos 1990, diante da crise vivenciada pela região naquela década, realizaram uma inflexão em suas práticas e discursos em direção a uma postura que privilegiava a negociação ao conflito com o patronado.

Introdução

Essa comunicação objetiva apresentar alguns aspectos de uma pesquisa realizada entre 2010 e 2013 sobre os trabalhadores que foram diretores do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC)¹ entre os anos de 1972 e 2002². Desde o doutorado tenho me dedicado à análise de processos transmissão intergeracional entre metalúrgicos do ABC Paulista, sobretudo, no âmbito do trabalho e da política.³ E nessa pesquisa, interessava-me especialmente analisar

¹ A primeira formação do Sindicato dos Metalúrgicos da região conhecida como ABC Paulista data de 1933. No período da instalação da indústria automobilística, a entidade desmembrou-se e foram fundados o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e o de Diadema, em 1959, que atuaram juntamente com o originário Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André. Em 1993 as entidades foram reunificadas por meio da criação do atual Sindicato dos Metalúrgicos do ABC (SMABC), que ainda não unifica todas as cidades, como Santo André e São Caetano.

² Projeto “Socialização e política: um estudo sobre a formação de disposições para a militância entre membros da classe operária” (Processo FAPESP: 2009/11542-3). TOMIZAKI, Kimi . Sucessão geracional no sindicato: reconfigurando a militância política, o caso dos metalúrgicos do ABC. Cadernos Ceru (USP), v. 24, p. 65-88, 2014.

³ TOMIZAKI, K. Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações **de trabalhadores**. Campinas, Editora Arte Escrita/Centro de Memória da Unicamp/FAPESP, 2007; TOMIZAKI, K. *Transmitir e herdar: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional*. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr.-jun. 2010.

os processos de aquisição de disposições para a militância política e como tais disposições, confrontadas com uma conjuntura social, econômica e política específica, poderiam redundar em modalidades particulares de carreiras militantes. Dito de outro modo, o interesse central dessa pesquisa foi a análise dos processos – de ordem objetiva e subjetiva – que possibilitam a determinados indivíduos tornarem-se militantes e constituírem uma situação de legitimidade que sustentou, durante determinado período, ou ainda sustenta, sua posição como liderança no SMABC.

Nas três décadas do SMABC estudadas, podemos identificar igualmente três unidades de geração⁴ (que chamarei genericamente de “gerações”), visto que os militantes entrevistados, apesar da origem social bastante próxima, se socializaram na política em períodos diversos, o que redundou na formação de práticas e concepções políticas significativamente diferentes entre si, sempre em consonância com as transformações e exigências do campo sindical e também com o modo como estava organizado o mercado de trabalho industrial na região do ABC. Sumariamente, poderíamos dizer que entre 1970 e o início do novo século é possível, por meio do conjunto de depoimentos coletados, perceber três grandes inflexões na atuação política do SMABC, que correspondem a cada uma das décadas estudadas e a um grupo específico de militantes⁵:

⁴ A unidade de geração, por sua vez, é um laço bem mais concreto que aquele que funda o conjunto geracional. Poderíamos dizer que as unidades de geração surgem no interior das chamadas “comunidades de destino”. Elas não se caracterizam somente pela participação fluida de indivíduos diferentes em um conjunto de acontecimentos vividos em comum. Um grupo se constitui como uma unidade de geração quando é capaz de construir uma reação unitária, uma ressonância comum, organizada de maneira análoga por indivíduos que estão precisamente ligados entre si. Isso não quer dizer que se trate de um grupo homogêneo ou sempre concordante em suas ações ou ideias. MANNHEIM, K. **Le problème des générations**. Paris: Nathan, 1990 [1928].

⁵ A definição de pertencimento a uma dada unidade geracional é bastante complexa, visto que não pode se pautar somente na faixa etária dos sujeitos e, nesse caso, no período em que um dado sindicalista assumiu a direção do SMABC. Tal definição deve se assentar, sobretudo, nas experiências compartilhadas com o grupo geracional em questão e na identificação do *habitus* desenvolvido pelos sujeitos, em função dessas experiências. Assim, nem todos os diretores da década de 1970, por exemplo, podem ser considerados dessa geração, porque por conta de suas experiências, modos de perceber e se perceber no mundo e na política esses podem estar mais fortemente associados à geração da década seguinte ou anterior. Apesar desse cuidado metodológico, que cria sempre uma zona de interseção entre as décadas estudadas, é possível identificar um núcleo duro de entrevistados que representam a unidade de geração de cada uma das três décadas já citadas. (Attias-Donfut, Claudine. *La notion de génération – Usages sociaux et concept sociologique*. **L’Homme et la société** Année 1988, número 90 ; Attias – Donfut.

- **Anos 1970.** Mudança intensa da perspectiva do trabalho sindical no SMABC, que, em um primeiro momento, já revelava certo nível de combatividade e estreitamento da relação com a base representada, mas ainda com pouca clareza do antagonismo de classe que opõe trabalhadores e capitalistas, até um segundo momento marcado pela tomada de consciência do protagonismo que a classe trabalhadora pode exercer na transformação da sociedade, o que redundou na formação de um novo “modelo” de ação sindical;
- **Anos 1980.** Consolidação das práticas do chamado “novo sindicalismo”⁶, intenso trabalho voltado à formação do PT e da CUT e à expansão/ampliação do projeto político dessas duas organizações, seja por meio da disputa de cargos eletivos, seja pela organização de chapas que disputaram a direção de outros sindicatos para compor a chamada “base cutista”;
- **Anos 1990.** A crise vivenciada pelo ABC Paulista nos anos 1990, materializada, sobretudo, no fechamento de postos de trabalho alterou profundamente o modo de se fazer sindicalismo naquela região: de acordo com os depoimentos, premido pelas transformações estruturais, o SMABC não pôde vislumbrar outra forma de resistência que não a negociação com as empresas, tendo em vista evitar “um mal maior”, como um processo de desindustrialização ou um número maior de demissões. Esse movimento ampliou e alterou o escopo de atuação do SMABC, exigindo um leque maior de “perfis” e “habilidades” dos sindicalistas, bem como uma crescente exigência de maior escolaridade e domínio de línguas estrangeiras.⁷

Claudine & Lapiere, Nicole. *La dynamique des générations*. **Communications**, 1994, número 59.)

⁶ O novo sindicalismo se proclamava “novo” em relação às práticas sindicais anteriores dominantes no cenário político nacional, em geral, pautadas na tradição política do Partido Comunista Brasileiro, tidas pelos “novos sindicalistas” como práticas “pelegas”, que não respondiam às expectativas da base operária. Apesar de alguns autores apontarem os limites da ação do chamado novo sindicalismo, há uma concordância de que esse padrão de prática sindical em muito contribuiu para a renovação do movimento operário brasileiro, criando práticas mais eficazes, combativas e em consonância com os interesses de seus representados. (SANTANA, M. A. *Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol 14, n 41, São Paulo, 1999. SANTANA, M. A. **Homens partidos – comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo:Boitempo Editorial, 2001. BOITO Jr., Armando (org.) **O Sindicalismo Brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992 e RODRIGUES, Iram Jácome. (org.) **O Novo Sindicalismo –vinte anos depois**. Petrópolis: Vozes/EDUC, 1999)

⁷ Para uma discussão sobre a passagem de estratégia confrontacionista, característica do início do novo sindicalismo, para a chamada “prática de cooperação conflitiva”, ver: Bresciani, Luís Paulo. **O contrato da mudança. A inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões**. Tese de doutorado, IG–Unicamp. Campinas, 2001. Bresciani, Luís

O quadro abaixo sintetiza o número de diretores que passaram pela SMABC ao longo das três décadas estudadas, quantos foram inseridos no banco de dados (via questionário) e quantos foram entrevistados em profundidade.

Diretores do SMABC entre as gestões de 1972 e 2002

	1970	1980	1990	Total
Total de Diretores do SMABC ⁸	36	45	21	102
Falecidos	17	07	-	24
Não localizados	09	12	09	30
Diretores que responderam o questionário	10	26	12	48
Entrevistados	08	12	08	28

O banco de dados, sistematizado a partir dos questionários, revela que o grupo em questão possui pouca diferenciação interna no que tange à sua origem social e posse de capitais escolares. Então, poderíamos dizer que esse grupo, em sua maioria absoluta, tem origem rural, com pais analfabetos ou que estudaram no máximo até a antiga quarta série primária, migrou para São Paulo ou para a região do ABC com baixa escolaridade (em geral sem concluírem o antigo primário, mas eram todos alfabetizados) e sem nenhum tipo de

Paulo e Quadros, Ruy. "A inovação e os papéis dos trabalhadores: o caso da Mercedes-Benz", in Maria Regina Nabuco, Magda de A. Neves e Antonio M. Carvalho Neto, **Indústria automotiva: a nova geografia do setor produtivo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. Rodrigues, I. J. **Sindicalismo e política: a trajetória da CUT**. São Paulo: Scritta, 1997. Para uma discussão sobre como o capital escolar passa a constituir também um capital político no interior do mundo sindical internacional ver: WAGNER, A. *Syndicalistes européens: les conditions sociales et institutionnelles de l'internationalisation des militants syndicaux*. **Actes de la recherche en sciences sociales**, no. 155, 2004 e **Vers une Europe syndicale**. Une enquête sur la confédération européenne des syndicats. Éditions de croquant/savoir/agir, 2005.

⁸ Além das entrevistas com os diretores do SMABC, para cada década entrevistamos dois núcleos familiares completos, ou seja, o sindicalista, sua esposa e pelo menos um de seus filhos. Tais entrevistas, embora não estivessem previstas na proposta original da pesquisa, se mostraram de grande valia para a compreensão das trajetórias políticas desses sindicalistas, bem como da avaliação que esses conseguem fazer atualmente de sua atuação na esfera sindical e/ou partidária.

qualificação para o trabalho industrial, o que maioria adquiriu por meio dos chamados “cursos modulares” do SENAI (cursos de dois a seis meses, que poderiam chegar até um ano e meio, no caso da ferramentaria ou inspetoria de qualidade, por exemplo).

Os casos que destoam um pouco desse perfil estão todos reunidos nos anos 1990, na qual encontramos uma concentração de diretores que já se empregaram nas fábricas com um nível um pouco mais elevado de escolaridade e qualificação profissional. No sentido contrário, há uma preponderância de infâncias absolutamente miseráveis entre os diretores dos anos 1970, que chegaram a viver, por exemplo, a experiência da fome prolongada, no período anterior à migração do campo para a cidade, em famílias com mais de uma dezena de filhos.

É possível perceber também que há uma discreta alteração na composição social dos pais dos sindicalistas, que nas primeiras décadas eram, majoritariamente, pequenos proprietários rurais ou trabalhadores rurais (em geral, empregados em grandes propriedades rurais) e, na última década, percebe-se um aumento no número de pais comerciantes e operários. Do mesmo modo, há uma mudança no que tange à escolaridade do pai: o número de pais analfabetos cai pela metade entre a década de 1970 e 1980, depois temos mudanças pouco significativas, sempre tendendo ao aumento da escolaridade. Os dados relacionados à escolaridade e profissão das mães dos sindicalistas não são muito diferentes: a escolaridade tende a aumentar de maneira discreta, mas há que se sublinhar também a diminuição do número de analfabetas. Do ponto de vista profissional, há uma concentração de mães, em todas as décadas, que se dedicavam ao trabalho doméstico na sua própria casa, portanto, sem remuneração. Como era de se esperar, entre as mães dos diretores dos 1990, há já uma maior incidência de mulheres que participam do mercado de trabalho e uma significativa diversificação do tipo de profissionalização.

No que tange à escolaridade dos diretores do SMABC, é possível perceber uma tendência ao alongamento dos estudos entre as três décadas, tanto no “período regular” quanto na retomada dos estudos, após a fase adulta. A cada década é possível perceber um aumento de investimento dos depoentes em seus estudos. Acreditamos que essa tendência guarda relação tanto com a

expansão das oportunidades de acesso à escola, em função da ampliação do sistema de ensino, quanto com especificidades do próprio movimento sindical do ABC, que alterando suas práticas passou a necessitar de sindicalistas mais escolarizados que pudessem contribuir mais ativamente nas negociações com as empresas, por exemplo. Seguindo a mesma tendência, os filhos dos sindicalistas alongaram muito mais sua escolaridade em comparação com seus pais, e de maneira ainda mais significativa em relação aos seus avós, quase todos analfabetos ou capazes somente de ler e escrever o próprio nome. Entre os filhos maiores de idade dos sindicalistas que compõem o banco de dados, 55,2% possui ensino superior completo e 21,6% o ensino médio completo.

Nessa comunicação, optamos pela discussão de duas biografias de militantes dos anos 1970 que, por sua vez, representam dois momentos diversos dessa mesma década e o processo pelo qual essa unidade geracional sofreu um processo de inflexão importante, mas coerente.

O SMABC nos anos 1970: o início de um novo ciclo do movimento operário

Embora o ABC tenha ficado nacional e internacionalmente conhecido pelo período das “grandes greves” (1978-1982), o movimento operário começa a dar sinais de sua capacidade organização quase imediatamente após a chegada das indústrias automobilísticas. A Mercedes-Benz, por exemplo, enfrentou sua primeira greve em 1958, dois anos após o início de suas atividades em São Bernardo do Campo.⁹ Apesar do movimento operário que já vinha se constituindo desde o final da década de 1950, com a criação de uma primeira “associação profissional”, que acabou se tornando o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, cujos diretores tinham uma atuação expressiva nas fábricas durante os anos 1960,¹⁰ será na década de 1970 que as lideranças dessa entidade, apesar da instauração do regime militar, aprimoram seu trabalho junto à base, em grande parte, pressionados pela própria categoria que, ao longo daquela década, vivencia uma situação ímpar de intensificação do ritmo de trabalho nas fábricas, associado a péssimas condições de trabalho e uma perda

⁹ Negro, A. L. *Nas origens do “novo sindicalismo”- o maio de 59,68 e 78 na indústria automobilística*. In: Rodrigues, I.J. **O novo sindicalismo vinte anos depois**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

¹⁰ Negro, A. L. **Linhas de montagem: o industrialismo nacional- desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores**. São Paulo: Boitempo, 2004.

concreta do seu poder de compra, em função do controle do regime militar sobre as negociações salariais.

Para aprofundar a análise dos dados coletados nessa pesquisa, estamos operando com a noção de “geração política” que, provisoriamente, poderia ser definida como conjuntos geracionais que, em função de determinadas relações sociais capazes de produzir espaços de socialização política, formam grupos ligados entre si por determinadas experiências políticas, bem como por memórias e esquecimentos.¹¹

Antenor Biolcaltti: por uma sociedade melhor para todos

Antenor é um senhor de 76 anos (no momento da entrevista), muito ágil e simpático, dono de uma memória impressionante. Impossível não notar em seu pulôver de lã um pequeno broche que representa um terço e a imagem da Virgem Maria. Sua entrevista foi feita nas dependências do Centro de Formação “Celso Daniel”, ao lado da sede do SMABC em São Bernardo do Campo. Além do dia da entrevista, nos encontramos em algumas reuniões da Associação dos Metalúrgicos Anistiados (AMAA), nas quais ele é sempre ponderado em suas falas e conta com grande respeito da parte dos demais membros da associação, entre eles muitos ex-diretores do mesmo sindicato.

Esse antigo sindicalista, cuja *hexis* corporal em nada recorda as imagens dos diretores do Sindicato dos metalúrgicos dos anos 1970, nasceu em Araraquara, em 1937, neto de italianos, trabalhadores rurais. Seu pai também trabalhou na roça na maior parte da sua vida, mas acabou se aposentando como funcionário da prefeitura daquela cidade, no setor de limpeza e conservação de ruas e praças. Sua mãe nunca trabalhou fora de casa. De acordo com seu depoimento, os pais não chegaram a frequentar a escola, mas o pai sabia ler um pouco. A família de nove irmãos enfrentava várias dificuldades financeiras, mas, segundo Antenor, não chegavam “a passar necessidade”. Entretanto, em função da necessidade de trabalhar, o sindicalista frequentou a escola somente até a antiga quarta série primária.

¹¹ Auzias, Claire. *Le générations politiques. L'Homme et la société*. N. 11-112, 1994.; Sirinelli, Jean-François. *Génération et histoire politique. Vingtième Siècle. Revue d'Histoire*. N. 22, avril-juin, 1989.

Em 1957, com 20 anos, Antenor migrou para São Paulo com um amigo e começou trabalhando em uma empresa que fazia cestas de natal, era um trabalho no qual ele já tinha prática no interior, onde havia trabalhado na confecção de cestas de vime. Nessa mesma fábrica conheceu sua esposa, com quem se casou em 1959. Em seguida ingressou na “Elevadores Otis”, quando se sindicalizou no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e passou a frequentar as assembleias da entidade:

“Eu achava já na época que o sindicato fazia sempre alguma coisa pra gente. Por isso que eu sempre me interessei pelo sindicato. Porque eu acho que nada se faz sozinho, e sim no coletivo. No coletivo, no sindicato ou qualquer outra entidade, você consegue alguma coisa se tiver alguém participando com você.”

Finalmente, a partir de 1963, Antenor começou a trabalhar na Willys-Overland do Brasil (WOB), que em 1967 seria comprada pela Ford, empresa que, entre as montadoras da região do ABC, provavelmente, tinha a mais antiga e consolidada tradição de militância operária. Na WOB, ele intensificou sua participação nas atividades sindicais e foi eleito para seu primeiro mandato.

Embora, de modo geral, haja uma forte tendência a relacionar o sindicalismo do ABC com o período que se inicia com o período das “grandes greves”, os depoimentos e documentos consultados evidenciam traços concretos de que os diretores anteriores à “era Lula” atuavam junto à base fomentando o questionamento em torno de temas como o arrocho salarial, condições de trabalho e custo de vida e até o direito à greve, apesar dos limites impostos à atuação sindical, inclusive em termos de negociação salarial.

“Fui preso em março de 1969. Eu e o vice presidente que é o Exupério Cardoso de Campo. Então, nós estávamos distribuindo panfletos, na hora do almoço, na Mercedes Benz. Quando nós terminamos de entregar os panfletos, eu vim dirigindo uma ‘rural’. Quando foi perto do viaduto da Anchieta com a Mercedes Benz, era um viaduto pequeno, na época, três carros do DOPS encostaram e prenderam eu e o Exupério. Prendeu eu e ele, prendeu a perua, prendeu os panfletos que nós tínhamos. Foi um alvoroço danado! (...) Já de noite eles levaram a gente pro DOPS de São Paulo. Primeira coisa que, chegando no DOPS, nós chegamos de madrugada, foi colocar a gente no pau de arara. (...) No outro dia todo mundo ficou sabendo [os diretores do sindicato] (...) Aí nós ficamos presos. Ficamos lá, acho que foi vinte dias. (...) Eu acho que a gente foi muito corajoso! Não tenho nada contra o pessoal que veio depois [refere-se aos diretores mais jovens, sobretudo os atuais], mas no nosso período no sindicato, nós procuramos honrar esse sindicato. Vou te falar, eu amo esse sindicato, porque aqui eu deixei... Passei onze anos da minha vida, lutando aqui. E hoje a

*gente vem aqui e o pessoal nem sabe quem a gente foi. Mas isso faz parte das pessoas, faz parte da história. Só que, às vezes, a história não é bem contada como deveria ser, de fato”.*¹²

Antenor demonstra em seu depoimento muito empenho no trabalho junto à base o que, provavelmente, favoreceu sua entrada na política partidária já no início dos anos 1970.¹³

“O que eu ia nas fábricas! Pra mim não tinha hora de levantar de madrugada, nem de dormir... Às vezes a gente estava reunido aqui [aponta o prédio da sede do sindicato] até meia-noite, uma hora, em reunião. No outro dia, você tinha que levantar cinco horas da manhã pra ir distribuir panfleto em porta de fábrica. Então, como fui uma pessoa atuante, eu saí candidato a vereador em 1972, em Santo André, e me elegi pelo MDB. (...)”

Antenor foi diretor do sindicato nas gestões de 1967 a 1978 e foi vereador em Santo André de 1972 até 1988. Poderíamos dizer que Antenor faz parte, portanto, de um grupo que poderia ser considerado precursor da entrada dos operários do ABC na política partidária, e o fizeram por meio do MDB, depois pelo PMDB, sem jamais se filiarem ao PT, o que mostra que o projeto político que nasce junto com o “novo sindicalismo” não chega a atingi-los porque não havia afinidade política com as propostas do novo partido, muito menos ainda com suas práticas. Ao mesmo tempo, considero Antenor como um exemplo de trajetória de transição para o novo sindicalismo: forjados ainda nos anos 1960 como militantes, esses sindicalistas até chegam a assumir posturas de risco e questionamento do regime militar (Antenor mesmo foi preso mais de uma dezena de vezes), mas o que lhes diferencia de um novo grupo que passará a ter preponderância sobre a entidade é o fato de que os primeiros não dominavam uma discussão política suficientemente aprofundada sobre centralidade da luta de classes na construção do movimento sindical. Antenor demonstrou em seu depoimento uma forte tendência humanitária, que norteava seu trabalho sindical, associado a princípios cristãos, cuja prática ainda tem presença determinante na

¹² CF: Motta, Alda Britto da. *A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. Sociedade e Estado*. 2010, vol.25, n.2, pp. 225-250.

¹³ Outros diretores do Sindicato dos Metalúrgicos já tinham sido eleitos para cargos eletivos no ABC, como Mário Ladeira, que foi vereador, vice-prefeito de São Bernardo e deputado estadual pelo PMDB.

sua vida. Se atualmente ele ainda tem algum tipo de militância, ela fica circunscrita à Igreja Católica.

Eu como Lula, nós tivemos a nossa luta. Lula hoje é um líder mundial, dispensa qualquer comentário. Ele foi o que foi graças à cabeça dele, a inteligência dele. E eu cheguei a ser vereador no bairro que morava, um bairro muito pobre. E eu era uma pessoa, como morava na Vila Palmares, eu fiz uma coisa que hoje nenhum vereador faz mais. Eu morava num bairro pobre, morei lá todo tempo que eu fui vereador, e eu fiz uma coisa que hoje nenhum vereador faz: atender as pessoas no portão de casa. Então, pra mim, não tinha o pobre, o rico, o remediado, o preto, o branco, pra mim, eu sempre qualifiquei as pessoas no mesmo nível. Pode ser pobre, rico, pode ser intelectual, pode ser um analfabeto, pra mim eu acho que todo ser humano merece respeito. ”

Assim, os valores humanitários sobrepõem os valores classistas, que são pouco citados por Antenor. De forma que, a luta da do sindicato e da classe trabalhadora aparece “diluída” em uma luta mais ampla pelos direitos de todo e qualquer ser humano, inclusive dos ricos. Nesse sentido, embora Antenor afirme que admirasse a formação do PT, não havia disposição nem afinidade política para o engajamento no novo partido:

“Quando surgiu o PT, tinha muita amizade com o Lula, e ele falou ‘Você vem pro PT?’, eu falei, ‘Só vou pro PT se vocês mudarem algumas coisas. Eu acho que a política não é do jeito que vocês estão falando, não: Tem que ser contra, tem que rachar...’ Eu acho que a gente tem que respeitar o ser humano como ele é e fazer, realmente, um movimento pra você ganhar a eleição, porque senão, se você não fizer isso você não ganha a eleição...”

Uma vez encerrada sua carreira política, em 1988, Antenor tentou abrir uma avícola com sua esposa, que não deu certo e acabou se aposentando como corretor de imóveis. Seus dois filhos cursaram ensino superior e dos seus quatro netos, dois já estudam na USP. Os filhos, embora nunca tenham tido nenhum tipo de engajamento político, consideraram-se petistas. Antenor também vota até hoje no PT, especialmente em candidatos oriundos da categoria metalúrgica e é um grande defensor do PT e dos petistas, especialmente, de Lula.

“Quando o Lula foi eleito, falei numa das entrevistas que me procuraram na época. Eu disse o seguinte, isso antes, quando o Lula foi eleito e ia tomar posse: ‘O Lula vai ser o Abraham Lincoln do Brasil. ’ (...) Porque o Lula é hoje o maior líder mundial político, eu acho. Mas eu disse isso antes do Lula ser o que é. E quando o Lula teve aquele problema do mensalão, aquele negócio todo, aquele

tumulto que teve. Eu falei: “Isso aí tudo vai passar. Porque o Lula com a inteligência, ele vai resolver”. Eu acho que o Lula... Eu acho que o Lula é uma pessoa iluminada por Deus. Não me surpreende aonde o Lula chegou. E o Lula é muito mais do que o PT, o Lula é muito mais do que qualquer outra pessoa. E eu vou dizer uma coisa pra você, intimamente: quando o Lula leva uma bordoadada é como se eu estivesse levando uma bordoadada. Quando o Lula é elogiado eu me sinto como se eu fosse o Lula.”

O modo ameno e condescendente com que Antenor avalia o governo Lula denota mais uma vez que a religiosidade e seus princípios humanitários sobrepujam ou até impedem uma reflexão política mais aprofundada, do mesmo modo fica claro o culto ao personalismo. Acredito que o grupo que Antenor representa se afastou do sindicato, menos por conta da entrada de novos sindicalistas, mas sobretudo por não conseguir se adaptar às novas regras de funcionamento do campo político no qual estavam imersos e, nesse sentido, o novo grupo teve menor importância do que as transformações do campo sindical, principalmente, o aumento da pressão da categoria para que o sindicato assumisse posições mais radicais e contundentes diante dos desafios que estavam colocados para o conjunto dos trabalhadores, o que exigia dos sindicalistas um novo discurso e uma nova forma de atuar.

A compreensão da constituição da categoria metalúrgica concentrada no ABC Paulista depende da análise do modo como se combinaram alguns elementos constitutivos da experiência operária nesse lugar: a organização do mercado de trabalho, a origem social e geográfica, nível de escolaridade e qualificação profissional dos trabalhadores. No que tange a esses aspectos, poderíamos dizer que a constituição da classe operária no ABC, sobretudo aquela empregada nas montadoras de automóveis, pode ser dividida em três grandes momentos: (i) anterior à década de 1970, quando o contingente de trabalhadores ainda era relativamente pequeno e as empresas basicamente absorviam mão-de-obra local, formada, em sua maioria, por descendentes de imigrantes europeus, com baixa escolaridade, mas qualificados pela rede ainda incipiente de escolas profissionais da região; (ii) entre 1970 e 1980, período em que as empresas contrataram majoritariamente trabalhadores migrantes sem escolaridade ou qualificação para postos de trabalho que não requeriam conhecimentos específicos sobre o processo produtivo, embora continuasse a contratar um grupo relativamente pequeno de trabalhadores qualificados, com

atributos sociais próximos do grupo anteriormente citado; (iii) a partir da década de 1990, quando as empresas voltam a contratar quase que exclusivamente mão-de-obra local (filhos dos migrantes), com altos níveis de escolarização e qualificação profissional.¹⁴

Portanto, na década de 1970, a categoria metalúrgica do ABC era formada por um grupo pequeno de trabalhadores qualificados e não-migrantes, cujos salários e condições de trabalho eram relativamente melhores do que da maioria dos demais operários da região. E por um segundo grupo, muito maior, que ficou conhecido como “os peões do ABC”, formado por trabalhadores migrantes, sem escolaridade nem qualificação, que enfrentava péssimas condições de trabalho por baixos salários, apesar de mais altos que a média nacional. Assim, embora a vivência da condição operária desses dois grupos fosse bastante diferente, havia, no final da década de 1970, um crescente descontentamento que perpassava toda a categoria metalúrgica, criando as condições para a eclosão do movimento grevista. Assim, de um lado, se encontravam os trabalhadores migrantes e sem qualificação cuja posição social e econômica ficava muito aquém do esperado diante dos grandes esforços que haviam empreendido para se tornarem trabalhadores industriais; do outro lado, os metalúrgicos qualificados que aspiravam por maiores retornos - econômicos e simbólicos – das certificações raras que possuíam.

Essa configuração do mercado de trabalho e o modo com os trabalhadores reagiam às oportunidades que lhes eram oferecidas foi, ao longo dos anos 1970, alterando as condições objetivas de se fazer sindicalismo no ABC e, portanto, as regras do jogo no interior do campo político-sindical, inclusive as “qualidades” mais ou menos bem vistas pelos trabalhadores.¹⁵ Tudo

¹⁴ Tomizaki, K. **Ser metalúrgico no abc: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores.** Campinas: Centro de Memória da Unicamp/Arte Escrita/FAPESP, 2007.

¹⁵ Relatos coletados ao longo dessa pesquisa, da parte de militantes e diretores que vieram da base do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, são contundentes ao expressarem o espanto que esses tiveram ao se deparar com a “movimentação” de trabalhadores no sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, sempre querendo falar com os diretores, denunciar chefes, exigir reajuste salarial ou melhores condições de trabalho. Enfim, os diretores da entidade nos anos 1970 eram constantemente instados pela categoria. A base estava descontente e inquieta, e nessas circunstâncias somente diretores capazes de responder a essas expectativas poderiam alcançar uma situação de legitimidade.

indica que, diante das necessidades da categoria, chegava ao fim a era dos sindicalistas moderados e conciliadores.

Djalma Bom: o novo sindicalismo

A entrevista de Djalma Bom ocorreu no seu apartamento no bairro de Pinheiros em São Paulo, onde ele vive com sua atual esposa, uma antropóloga, docente da Universidade de São Paulo (USP). O apartamento de classe média tem sua decoração dividida entre fotos do período mais pungente da carreira política de Djalma, na qual aparece acompanhado das principais lideranças do PT, e vários artefatos que fazem referência à cultura africana, sobretudo máscaras ritualísticas, que são o objeto de estudo de sua mulher.

Djalma nasceu em Medina (MG), no Vale do Jequitinhonha, em 1939, filho do segundo casamento do seu pai. Em Minas Gerais, embora a família fosse proprietária de um sítio que recebera de herança dos avós paternos, a situação financeira era muito precária, ao ponto da alimentação ser basicamente farinha e rapadura. De acordo com seu depoimento, o pai tinha um comportamento desregrado com álcool e mulheres, o que afetava a vida financeira da família de 5 irmãos do segundo casamento do pai e 6 do primeiro casamento. Sua mãe era analfabeta e seu pai sabia ler e escrever. Finalmente, para fugir da miséria e da fome, a família migrou para São Paulo em 1948 na caçamba de um caminhão basculante: *“Pra gente um pau-de-arara era um transporte de luxo!”*

Djalma chegou em São Paulo com 9 anos de idade e imediatamente começou a trabalhar com entregador de marmita para um restaurante, ao mesmo tempo, retomou os estudos e concluiu o primário. Trabalhou em diferentes lugares até se fixar em uma fábrica de fogos de artifício, onde trabalhou até 1962, sem registro em carteira de trabalho, quando a fábrica pegou fogo. Embora gostasse do patrão, com quem mantinha laços de amizade, Djalma já vinha se preocupando com o fato de trabalhar sem registro e não ter uma “profissão”. Segundo seu depoimento, no início dos anos 1960, uma “carreira” muito valorizada era de “inspetor de qualidade” e foi por meio de um jornal que ele tomou conhecimento de um curso que formava inspetores de qualidade, próximo à Praça da Sé, no qual se matriculou. Tratava-se de um curso particular, de um ano e meio, noturno, que garantiu a ele o ingresso na categoria metalúrgica,

primeiramente em uma empresa de médio porte em São Paulo e, em 1964, na Mercedes-Benz do Brasil (MBB), como inspetor de qualidade na usinagem de motores. Na MBB, Djalma Bom conheceu Mário Ladeia, que naquele momento era diretor de base do Sindicato dos Metalúrgicos e o sindicalizou apesar do seu quase inexistente interesse por política.

Djalma relata detalhadamente em seu depoimento que, embora não tivesse nenhum interesse em política nem consciência do que representava o regime militar, por exemplo, tinha muita sensibilidade em relação às péssimas e repressivas condições de vivenciadas na MBB: acidentes provocados por condições inseguras de trabalho, exigência de horas extras nos finais de semana sob ameaça de demissão, tratamento desrespeitoso de chefes e gerentes em relação aos trabalhadores, a vigilância dos banheiros, a proibição de andar rápido ou correr dentro da fábrica.¹⁶ Foi exatamente sua reação à repressão e violência dos chefes e gerentes contra os trabalhadores que fez com que Djalma acumulasse um capital militante e passasse a ser reconhecido como liderança entre os trabalhadores da fábrica.¹⁷

“Eu sempre fui uma pessoa dentro da MBB, talvez pela situação de vida que eu sempre tive, de lutar contra a fome, contra a miséria, contra as injustiças, então, dentro da MBB, quando eu via uma postura da chefia de ter uma conduta de maltratar o trabalhador, de gritar com o trabalhador, de perseguir o trabalhador, eu me revoltava contra essa situação, eu reclamava com a chefia, eu fui adquirindo uma liderança inconsciente por causa do meu comportamento. E aí, o pessoal disse: ‘Djalma, vai ter eleição da CIPA e a gente vai lançar você como candidato, e eu fui e ganhei como cipeiro. (...) Acabei ficando eleito cipeiro, eu me lembro muito bem que era uma guerra, uma disputa muito... Que era uma luta minha contra a empresa, que era a questão dos atos inseguros e das

¹⁶ Para uma discussão sobre as condições as quais os trabalhadores eram submetidos nas fábricas do ABC e sua relação com a explosão da onda grevista conferir: Abramo, L. W. **O resgate da dignidade: greve metalúrgica e subjetividade operária**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 1999; Maroni, A. **A estratégia da recusa: análise das greves de maio/78**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

¹⁷ Em que pese o fato de que o debate em torno desses dois conceitos ainda está em andamento, neste trabalho, consideraremos como capital militante o conjunto de técnicas e saberes que orientam a ação no espaço político e são resultado de uma aprendizagem ocorrida na própria experiência de militância política. O capital político, por sua vez, refere-se a uma forma de capital simbólico, de caráter mais pessoal, fundado na notoriedade e na popularidade, que é, em geral, como o capital cultural, herdado ou concedido a um indivíduo por um determinado grupo, seja a família ou outro grupo social e político, tal como um partido ou sindicato. (Cf: MATONI, F.; POUPEAU, F. Le capital militant. Essai de définition. In: **Actes de la Recherche – Le capital militant: engagements improbables, apprentissages et techniques de lute**. n.155, dezembro, 2004 e BOURDIEU, P. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.)

situações inseguras no trabalho. Eu provei em vários casos que a culpa era da chefia, da MBB, que não oferecia ao trabalhador as condições para que o trabalhador pudesse desenvolver sua atividade sem ter nenhum tipo de acidente, ele não tinha tido nenhum ato inseguro, eram as condições que eram inseguras. E isso foi tomando repercussão na fábrica e eu fui reeleito. ”

Em função da sua atuação como cipeiro na MBB, Djalma passou a ser conhecido entre os diretores de base da montadora e, em pouco tempo, passou a chamar atenção dos diretores do sindicato, principalmente de Lula, que o convidou para formar uma nova chapa para diretoria do sindicato. Djalma relata que foi uma conversa muito clara e que ele ficou convencido de que era necessário fazer uma renovação no movimento sindical, que era necessário construir um novo tipo de sindicato, um novo tipo de sindicalismo: *“sindicato como instrumento de luta da classe trabalhadora, e que a classe trabalhadora era o agente principal das transformações da sociedade.”*

Djalma se torna diretor do sindicato em 1975, seduzido por um discurso essencialmente classista. E embora, como ele mesmo afirma, ocupasse uma posição bastante periférica, como suplente no conselho fiscal, isso já foi suficiente para alterar sua postura como militante, assumindo definitivamente seu papel como liderança no interior da fábrica: sua primeira providência, após as eleições do sindicato, foi solicitar na entidade uma lista com os nomes de todos os filiados da MBB e, na fábrica, foi procurar um a um para se apresentar como novo diretor e se colocar à disposição para representar seus interesses. Em uma atitude mais radical, informou aos chefes que não iria mais trabalhar: *“daqui pra frente não trabalho mais pra MBB, trabalho para o sindicato dos metalúrgicos.”* Além disso, Djalma estabeleceu, por sua conta, uma meta de sindicalização que ele deveria cumprir todos os meses e começou a selecionar entre os trabalhadores aqueles que poderiam ter maior aderência ao discurso do sindicato.

“Eu levei uma mesa para a porta do restaurante [para fazer sindicalizações], levei uma cadeira, contra a vontade da empresa. Para colocar um quadro de avisos tinha que fazer um acordo coletivo com a empresa! Pra você ver como eram as coisas naquela época, mas eu levei um quadro e coloquei na saída do restaurante com as fotos do sindicato, avisos do sindicato. E esse meu atrevimento foi criando contato... E se como cipeiro as chefias já me respeitava, como diretor do sindicato mais ainda... Porque se eu via alguma coisa errada eu ia conversar... E falava: “Ou você melhora seu jeito de lidar para o trabalhador,

de dar condições de trabalhar para o trabalhador ou do contrário vou colocar seu nome na Tribuna Metalúrgica!”

A radicalidade e as atitudes de confrontação de Djalma se adequavam quase perfeitamente às expectativas dos trabalhadores e isso o transformou em uma liderança de grande destaque em pouco tempo, apesar da ausência de experiência política anterior ao ingresso no sindicato. Djalma vai fazer parte de um grupo que se formou politicamente no próprio sindicato, por meio dos cursos oferecidos pela entidade em colaboração com intelectuais de esquerda que começavam a se aproximar dos metalúrgicos do ABC.¹⁸

“Eu nunca me esqueço que quando o Lula convidou os 24 diretores que iam da nova diretoria, no final de 74, a gente fez um curso de formação sindical e política no sindicato com o Walter Bareli e a mulher dele, a Lurdinha. (...) Eu comecei a ganhar um grau de consciência mais profunda, mais aguda...”

Em 1982, Djalma foi eleito deputado federal no primeiro pleito que o PT participou. Perguntado sobre as dificuldades enfrentadas no mandato e em como o PT apoiava seus candidatos eleitos, sem experiência e com baixa escolaridade, o ex-sindicalista é categórico:

“O partido não ajudou em nada, dos 8 deputados que foram eleitos, eu fui o único que ficou com apartamento, os outros todos foram morar em hotel e por que eu fiquei com apartamento? Porque eu achava que meu mandato era um desdobramento e um prolongamento do meu mandato do sindicato, então, eu achava que meu mandato tinha que ser uma referência para os trabalhadores que se dirigiam à Brasília para lutar pelos seus interesses. Eu cheguei a ter mais de 30 pessoas no meu apartamento em Brasília, dormindo no meu apartamento, eu tinha um quatinho pra mim e o resto ficava tudo à disposição... Essa era uma primeira clareza. Eu chegava super cedo porque eu me inscrevia todo dia cedo para fazer uso da palavra na “A Hora do Brasil”, eu fui um dos caras mais assistidos na “A hora do Brasil” porque achava que era uma tribuna que tinha que ser usada para esclarecer, para organizar e mobilizar os trabalhadores. Então, logo cedo eu tava lá porque tinha fila pra se inscrever e eu era um dos últimos a sair porque eu era líder do partido e eu não podia sair antes de terminar tudo, e isso era de segunda e quinta. Eu era o primeiro a chegar e o último a sair. E às vezes eu saía, passava num restaurante e chegava no apartamento e eu chorava... Chorava e pensava: como é que pode ser isso? E Brasília é aquele mundo... Aquele mundo de fantasia, aquelas coisas todas... E o que me deixou muito... Me deu muito força é que eu tenho muita consistência de classe, muita consistência ideológica! Eu dizia: “Esse daqui não é teu mundo! Esse aqui é uma

¹⁸ TOMIZAKI, Kimi. *Deux générations de syndicalistes au Brésil : pratiques quotidiennes et formation politique. Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 196-197, p. 102-113, 2013.

fantasia! Você tem que procurar desenvolver da melhor maneira possível teu mandato de deputado federal! Fazer o que é melhor pelo PT... ”

Djalma teve uma longa participação na vida do PT, em 1989 chegou a ser cotado para coordenar a campanha de Lula, mas a pedido do diretório de São Bernardo, optou por concorrer à prefeitura da cidade na chapa com Maurício Soares, de quem foi vice-prefeito. Em 1992, Djalma concorreu à prefeitura de São Bernardo e perdeu, mas se tornou presidente do diretório da cidade e coordenador da regional do ABC, seu último cargo eletivo foi como deputado estadual em São Paulo entre 1996 a 2000. O processo de desengajamento ocorreu em 2002, após a eleição de Lula para presidência da república:

“Eu falei para o pessoal: ‘Eu vou continuar sendo fundador, vou votar no PT, mas não vou ser mais um militante do partido, não vou mais participar da vida orgânica do partido.’ Eu gosto muito de violão, gosto muito de cantar, eu canto no coral da terceira idade da USP, nós temos uma turminha que faz seresta numa oficina... Eu tenho um projeto de vida de chegar aos 100 anos... (risos) E nesse projeto fazendo política, do jeito que estava fazendo... E as coisas que foram acontecendo, que não era pra ter acontecido... Porque essa coisa do poder no interior do PT tem que ser melhor discutida... O poder ele envolve muito e as pessoas acabam fazendo coisas que não deviam fazer... Então, esse projeto que eu tenho de chegar aos 100 anos e um pouco das decepções que eu tive com o PT, eu resolvi me afastar e começar a fazer outras coisas que me dão prazer, satisfação...”

Atualmente, Djalma não tem nenhum tipo de engajamento político, embora não se recuse a fazer aparições públicas a pedido do PT ou do SMABC. Como ele expressa acima, seu afastamento guarda relação com a decepção em relação aos rumos que o partido tomou, no qual seu modo de conceber a política partidária e sindical não tinha mais espaço.

Eu tenho a compreensão que a conjuntura mudou, seria muito ignorância política da minha parte achar que nós ainda estamos em 1978, 1979, 1980, porém eu acho que o movimento sindical tinha que ser mais ideológico, mais classista, pressionar mais ainda os governos constituídos pelos interesses da classe trabalhadora. Falta por parte da CUT um sindicalismo mais ideológico e mais classista. E a questão ideológica do PT foi colocada totalmente de lado, não se fala mais em acúmulo de força para mudar a sociedade. Eu reconheço que as questões sociais têm caminhado. As questões políticas, porém eu acho que teriam que criar condições para uma democracia mais participativa, com mais conselhos, (...) nós temos uma democracia que vem se arrastando do mesmo jeito faz 30 anos, acho que o PT tinha que dar um salto de qualidade no avanço da democracia, na participação da população (...) ir até às últimas consequências de criar condições, canais, conselhos para participação. ”

O primeiro casamento de Djalma acabou ao final do seu mandato como deputado federal, e sua primeira esposa já é falecida. Ele teve dois filhos do primeiro casamento, atualmente o filho tem 47 anos e a filha 44 anos, ambos têm ensino superior. Djalma também conseguiu voltar a estudar, mas somente depois de encerrar sua carreira política, quando fez o curso de serviço social para terceira idade na Fundação Santo André. Embora tenha uma boa relação com os filhos, sente muita culpa por não ter acompanhado mais de perto seu crescimento em função da militância: “*é como se fosse um pecado original...*” A primeira esposa apoiava a militância, já que o julgava muito briguento e acreditava que o mandato sindical poderia protegê-lo das atitudes que ele tomava no interior da fábrica, no entanto, a política partidária os afastou. A segunda esposa ele conheceu militando no interior do PT.

Djalma é bastante contido nas críticas que tece em relação ao PT, ao sindicato dos metalúrgicos e à CUT, elas só se revelaram bem ao final da entrevista, depois de muitas declarações vagas e reticentes. Evidentemente, ele tem consciência do quanto seu nome é associado à formação do partido e da central sindical e tentar preservar sua memória, apesar das divergências políticas expressas acima. A unidade geracional que Djalma faz parte (que declara profundo respeito pela “geração” anterior) se divide, fundamentalmente, entre militantes mais radicais, que se desengajaram ao longo do tempo e outros, com posturas mais moderadas, que sobreviveram a uma nova fase de mudanças no campo político – materializadas pela inflexão realizada pelo PT e pela CUT em seus discursos e práticas – e constituíram carreiras políticas mais duradouras, alguns até os dias atuais. A análise da formação e reconfiguração desses “grupos geracionais políticos”, sobre a qual ainda me debruço, tem sido profícua na compreensão nos limites e possibilidades da inserção de membros da classe trabalhadora no mundo da política, bem como das transformações e processos de transmissão intergeracionais no interior do movimento sindical.

Referências Bibliográficas:

- ABRAMO, L. W. **O resgate da dignidade: greve metalúrgica e subjetividade operária**. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 1999.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. *La notion de génération – Usages sociaux et concept sociologique*. **L’Homme et la société** Année 1988, número 90.

- ATTIAS-DONFUT, C. & LAPIERRE, N. *La dynamique des générations. Communications*, 1994, número 59.
- AUZIAS, Claire. *Le générations politiques. L'Homme et la société*. N. 11-112, 1994.
- BOITO Jr., Armando (org.) **O Sindicalismo Brasileiro nos anos 80**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- BOURDIEU, P. A representação política. Elementos para uma teoria do campo político. In: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRESCIANI, Luís Paulo e Quadros, Ruy. "A inovação e os papéis dos trabalhadores: o caso da Mercedes-Benz", in Maria Regina Nabuco, Magda de A. Neves e Antonio M. Carvalho Neto, **Indústria automotiva: a nova geografia do setor produtivo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- BRESCIANI, Luís Paulo. **O contrato da mudança. A inovação e os papéis dos trabalhadores na indústria brasileira de caminhões**. Tese de doutorado, IG–Unicamp. Campinas, 2001.
- MANNHEIM, K. **Le problème des générations**. Paris: Nathan, 1990 [1928].
- MARONI, A. **A estratégia da recusa: análise das greves de maio/78**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MATONI, F.; POUPEAU, F. Le capital militant. Essai de définition. In: **Actes de la Recherche – Le capital militant: engagements improbables, apprentissages et techniques de lute**. n.155, dezembro, 2004.
- Motta, Alda Britto da. *A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. Sociedade e Estado*. 2010, vol.25, n.2, pp. 225-250
- NEGRO, A. L. **Linhas de montagem: o industrialismo nacional- desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- _____. *Nas origens do "novo sindicalismo"- o maio de 59,68 e 78 na indústria automobilística*. In: Rodrigues, I.J. **O novo sindicalismo vinte anos depois**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- RODRIGUES, I. J. **Sindicalismo e política: a trajetória da CUT**. São Paulo: Scritta, 1997.
- _____. (org.) **O Novo Sindicalismo –vinte anos depois**. Petrópolis: Vozes/EDUC, 1999)
- SANTANA, M. A. *Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 14, n 41, São Paulo, 1999.
- SANTANA, M. A. **Homens partidos – comunistas e sindicatos no Brasil**. São Paulo:Boitempo Editorial, 2001.
- SIRINELLI, Jean-François. *Génération et histoire politique. Vingtième Siècle. Revue d'Histoire*. N. 22, avril-juin, 1989.
- TOMIZAKI, K. **Ser metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores**. Campinas, Editora Arte Escrita/Centro de Memória da Unicamp/FAPESP, 2007.
- _____. *Deux générations de syndicalistes au Brésil : pratiques quotidiennes et formation politique. Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 196-197, p. 102-113, 2013.
- _____. *Sucessão geracional no sindicato: reconfigurando a militância política, o caso dos metalúrgicos do ABC. Cadernos Ceru (USP)*, v. 24, p. 65-88, 2014.
- _____. TOMIZAKI, K. *Transmitir e herder: o estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. Educação & Sociedade*. Campinas, v. 31, n. 111, p. 327-346, abr.-jun. 2010.
- WAGNER, A. *Syndicalistes européens: les conditions sociales et institutionnelles de l'internationalisation des militants syndicaux. Actes de la recherche en sciences sociales*, no. 155, 2004